

# Banda Sinfónica Portuguesa

18 Out 2020  
12:00 Sala Suggia

CICLO JAZZ

Douglas Bostock direcção musical  
Vasco Dantas Rocha piano

---

## Darius Milhaud

*La Création du Monde*, op. 81a (1923; c.17min)

1. *Ouverture*
2. *Le chaos avant la création*
3. *La naissance de la flore et de la faune*
4. *La naissance de l'homme et de la femme*
5. *Le désir*
6. *Le printemps ou l'apaisement*

## George Gershwin

*Rhapsody in Blue* (1924; c.17min)\*

## Kurt Weill

*Kleine Dreigroschenmusik*, suite da *Ópera dos Três Vinténs*

(1928; c.22min)

1. *Ouverture*
2. *Die Moritat von Mackie Messer*
3. *Anstatt daß-Song*
4. *Die Ballade vom angenehmen Leben*
5. *Pollys Lied*
6. *Tango-Ballade*
7. *Kanonensong*
8. *Dreigroschen-Finale*

\*Orquestração: Donald Hunsberger, a partir das versões de Paul Whiteman (1924) e de orquestra de teatro musical (1926).

O prolífico compositor francês **Darius Milhaud** (1892-1972) incorporou na sua música influências múltiplas, desde o seu círculo de amizades de uma Paris boémia às diversas viagens que realizou.

Depois de estar durante dois anos no Brasil (1917-1919), decide fundar, juntamente com Georges Auric, Louis Durey, Arthur Honegger, Francis Poulenc e Germaine Tailleferre, o célebre grupo *Les Six*. No entanto, a experiência vivida no território brasileiro viria a mudar radicalmente a sua forma de olhar e pensar a música, deixando-se contagiar pela cultura local de um Rio de Janeiro onde abundavam os maxixes, os tangos, os sambas, e muitos outros géneros. Mas não só a cultura brasileira inspirou Milhaud. Em 1923, numa viagem aos Estados Unidos da América, o compositor contacta com o jazz nas ruas do bairro Harlem. Rapidamente começa a incorporar nas suas composições a sonoridade deste novo mundo que descobre. Surgida pouco após a viagem que o confrontou com o jazz norte-americano, *La Création du Monde*, composta para o Ballet Sueco em 1923, é uma fábula criada a partir do mito da criação do mundo presente em *Anthologie nègre*, do poeta suíço Blaise Cendrars — uma compilação de lendas e mitos africanos editados pelo autor. A história do ballet inspira-se em apenas duas das histórias contidas no livro, partindo da ideia de três divindades criadoras da vida a partir da escuridão e do caos. A partitura de Milhaud traz todo ambiente do jazz americano, das harmonias aos ritmos, combinados com as formas composicionais europeias.

Meses depois surgia mais uma experiência que cruzava a música erudita de tradição europeia com o jazz, partitura que ficaria inscrita na história da música: *Rhapsody in Blue*, de **George Gershwin** (1898-1937).

Filho de imigrantes judeus russos, George Gershwin destacou-se desde a juventude como autor de canções populares, algumas das mais famosas integradas em musicais da Broadway, ou em operetas como *Porgy and Bess*. A reputação que Gershwin tinha aos 25 anos pode ser avaliada pela encomenda que recebe para a composição de um concerto para piano e banda de jazz — o autor da encomenda é Paul Whiteman, que era nos anos 20 um dos nomes mais populares das orquestras de jazz e de dança. A obra, escrita num andamento único, acabou por se tornar *Rhapsody in Blue* e foi estreada em 1924, com o próprio compositor ao piano e a banda de Whiteman. A orquestração a partir da partitura original para dois pianos foi realizada por Ferde Grofé, que retomou a partitura em 1926 e 1942 para novas adaptações. A versão tocada neste concerto é uma orquestração de Donald Hunsberger, a partir das versões para banda (1924) e orquestra de teatro musical (1926).

Os elementos da cultura negra americana marcam forte presença em várias obras de Gershwin. No caso da *Rhapsody in Blue*, há dois aspectos mais imediatos: a proximidade com a linguagem melódico-harmónica dos blues e os ritmos de inspiração popular. No que respeita ao primeiro aspecto, note-se a constante utilização da sétima menor da escala maior e a ambiguidade entre a terceira maior e a menor. São duas características que definem a harmonia de blues, amplamente exploradas na obra — por exemplo, nas melodias que só chegam à terceira maior passando antes pela menor. Os ritmos utilizados variam consideravelmente ao longo da peça, evitando uma identificação directa com a música de dança ao pontuar o discurso com o recurso a ‘rubatos’ expressivos. Mesmo

assim, podem identificar-se padrões que remetem para o jazz da época, ainda ligado ao ragtime e ao ‘stride piano’.

Já o compositor alemão **Kurt Weill** (1900-1950) viu uma das canções do seu trabalho mais célebre, a *Ópera dos Três Vinténs*, ser adaptada para o mundo do jazz em múltiplas versões. Weill escreveu inúmeras obras de teatro musical e óperas em colaboração com Bertolt Brecht, uma dupla que gerava muita controvérsia pelos temas sociais que abordava.

A *Ópera dos Três Vinténs* foi estreada em 1928, na recta final da República de Weimar (1919-1933) — um período de ideias livres, de enorme libertação sexual e de ausência de censura. Seguir-se-iam as trevas do Nazismo, que afastou não só o judeu Weill e o marxista Brecht como igualmente uma série de empresários e artistas ligados à vida nocturna alemã, muitos dos quais também judeus. Crítica à sociedade burguesa que tolera (e até deseja?) a existência de um mundo marginalizado, a obra inspirada na *Ópera do Mendigo*, que John Gay criara dois séculos antes, conta a história de Mackie Messer e do seu amor por Polly, a filha do seu inimigo J.J. Peachum, num ambiente rodeado de prostitutas, mendigos, ladrões e vigaristas. O momento musical mais conhecido é a “Canção de Mackie”, o anti-herói, uma autêntica balada do crime catalogando os assassinios do protagonista, e que reflecte a fixação da cultura de Weimar por esta temática. A célebre balada do crime seria cantada também por Louis Armstrong, que acrescentou humoristicamente o nome de Lotte Lenya à lista de vítimas de Mackie. O encontro com esta cantora, bailarina, actriz, acrobata e até mesmo prostituta (ainda que temporariamente, numa Alemanha arrasada pela hiperinflação) foi determinante para o desenvolvimento do estilo de Kurt Weill. O envolvimento entre ambos ultrapassou a vertente profissional e expandiu-se para a amorosa. A música de Weill começou a assumir uma personalidade desenhada pela voz de Lenya — acutilante, sofrida, vivida e terrivelmente expressiva. A versão que vamos escutar inclui os principais momentos da ópera, sem esquecer a célebre “Canção de Mackie” e a “Balada da Boa Vida”. A propósito desta versão para orquestra de sopros, Weill escreveu “ouvi ontem *Kleine Dreigroschenmusik* (evito usar deliberadamente a palavra ‘suite’) no ensaio; estou muito satisfeito. São oito andamentos com novas versões para orquestra, algumas estrofes intermédias e uma nova orquestração: duas flautas, dois clarinetes, dois saxofones, dois fagotes, dois trompetes, trombone, tuba, banjo, percussão e piano. Julgo que a peça pode vir a ser muito tocada, já que é precisamente o que todo o maestro quer: uma obra ágil para terminar.”

LILIANA MARINHO E FERNANDO PIRES DE LIMA

## Douglas Bostock direção musical

O britânico Douglas Bostock é Maestro Titular e Director Artístico da aclamada Filarmónica de Câmara do Sudoeste da Alemanha (desde 2019) e Maestro Honorário da Filarmónica de Argóvia na Suíça. Trabalhou com a Filarmónica de Argóvia (Maestro Titular, 2001-2019), a Sinfónica Karlovy Vary (Maestro Titular), o Festival de Ópera de Hallwyl (Director Artístico), a Sinfónica de Munique (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica de Câmara Checa (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica do Sudoeste da Alemanha (Maestro Convidado Regular) e a Orquestra de Sopros Kosei de Tóquio (Maestro Titular e Maestro Convidado Principal). Dirigiu algumas das principais orquestras da Europa, da América do Norte e da Ásia, incluindo a Filarmónica de Londres, as Orquestras da BBC, a Royal Philharmonic, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Nova Filarmónica do Japão, a National Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Praga, Aarhus, Quioto, Sapporo, Kansas e Cidade do México e a Filarmónica de Calgary.

Apresentou-se nas salas mais importantes do mundo e em prestigiados festivais, destacando-se os BBC Proms, as Konzenthaus de Viena e Berlim, o Suntory Hall, o Royal Festival Hall, a Tonhalle de Zurique, o Festival de Primavera de Praga, a Herkulesaal de Munique, a Gewandhaus de Leipzig e o Festival de Ravinia.

Gravou cerca de 100 CD, reflectindo o seu domínio de música em todos os estilos e incluindo muitas obras menos conhecidas ou nunca antes gravadas. Os ciclos com a integral da música orquestral de Carl Nielsen, as sinfonias de Robert Schumann e *The British Symphonic Collection* conquistaram a aclamação internacional.

Douglas Bostock é também um prestigiado professor de direcção. É Professor Convidado nas faculdades de direcção e de ópera da Universidade das Artes de Tóquio, com a qual mantém uma relação duradoura. As masterclasses de direcção que orienta em vários países são muito populares. Além disso trabalha regularmente com jovens músicos, sendo frequentemente convidado de vários conservatórios europeus e asiáticos. É Professor Visitante na Escola Superior de Música Senzoku Gakuen, no Japão.

## Vasco Dantas Rocha piano

Vasco Dantas, pianista português nascido em 1992, completou a Licenciatura em Música com “1.ª classe & distinção” no Royal College of Music de Londres, sob a orientação de Dmitri Alexeev e Niel Immelman, estudando também direcção orquestral com Peter Stark e Natalia Luis-Bassa. Terminou o Mestrado em Performance com nota máxima sob a orientação de Heribert Koch, na Universidade de Münster, onde foi aceite em Doutoramento “Konzertexamen”.

Oteve mais de 50 prémios e distinções em concursos internacionais, destacando-se: Grand Prix no Valletta International Piano Competition (Malta); Prix Spécial no Concours International de Piano SAR La Princesse Lalla Meryem (Marrocos); 1.º Prémio no Concurso Internacional Santa Cecília (Porto); Medalha de Mérito Dourada (Câmara Municipal de Matosinhos); Prémio Casa da Música (2009); Prémio Melhor Português (Concurso Internacional de Viseu); Prémio Antena 2 (2013); 3.º Prémio no Concurso Steinway & Sons (Münster, Alemanha); Esther Fisher Prize 2013 (melhor aluno de licenciatura do RCM); Prémio Fundação Eng.º António de Almeida; Prémio Henry Wood Trust (2011 e 2012); Prémio Bolsa Fundação e Círculo Richard Wagner Portugal; bem como 1.ºs prémios em diversos concursos.

Em 2019 estreou-se em recital a solo no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Apresentou-se em vários países do mundo, como solista convidado de diversas orquestras, incluindo a Orquestra de Câmara do Kremlin (2017), a Jülich Sinfonieorchester e a Junges Sinfonieorchester Aachen (2016), a Hong Kong Symphonia (2015), a Orquestra Sinfónica do Espírito Santo (2014), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Gulbenkian, tendo a oportunidade de trabalhar com inúmeros maestros de renome. Em 2011 fez a sua estreia a solo na Sala Suggia da Casa da Música, com o recital de abertura do Ciclo Piano EDP.

É director artístico do Algarve Music Series, um festival de música de câmara na região algarvia, com artistas de classe mundial. Gravou em CD a convite de Antena 2, ARS Produktion, Rádio Galega, MPMP e KNS Classical. A sua discografia inclui quatro álbuns: *Promenade* (2015), *Golden Liszt* (2016), *Freitas Branco* (2019) e *Poetic Scenes* (2020), já transmitidos pela Antena 2 e pelas rádios alemãs MDR Klassik e WDR 3.

Vasco Dantas é apoiado pela AVA Musical Editions.

## Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 Janeiro de 2005 no Rivoli — Teatro Municipal do Porto, onde gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio da Culturporto e mais tarde da PortoLazer. Lançou os álbuns *A Portuguesa* (2010), *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico com Quinta do Bill* (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016) e *The Ghost Ship* (2017).

A partir de 2007, a BSP é convidada pela Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Suggia, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de 40 obras e possibilitando a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, vários coros do Grande Porto e grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, etc.

A BSP promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção de Banda (contando já 21 edições) orientados pelos maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha) e Eugene Corporon (EUA).

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, Douglas Bostock, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Alex Schillings, Rafa Agulló, Dario Soutelo, Henrie Adams e Eugene Corporon dirigiram a BSP com enorme sucesso. Foi dirigida também por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, Avelino Ramos, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, André Granjo e João Paulo Fernandes. Realizou concertos nas principais salas de espectáculos do país, em igrejas, no Santuário de Fátima e em Espanha.

A BSP tem vindo a receber as melhores críticas do público e de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Em 2008, obteve o 1.º Prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha), na 1.ª secção, e igualmente o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do 60.º aniversário do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com 5 concertos em diferentes cidades. Enquanto orquestra de referência no panorama internacional, participou em 2017 no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Em Novembro de 2019 realizou uma digressão às Canárias.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do Maestro Francisco Ferreira.

### Flauta

Herlander Sousa  
David Leão (piccolo)

### Oboé

Ana Maia

### Fagote

Pedro Rodrigues  
Bárbara Lopes

### Clarinete

Horácio Ferreira  
Bruno Silva  
Hugo Folgar (baixo)

### Saxofone

José Pedro Gonçalves  
(alto e soprano)  
Jorge Sousa (alto e soprano)  
Isabel Anjo (tenor e soprano)  
Marcelo Marques (barítono)

### Trompa

Nelson Silva  
Pedro Pereira Fernandes

### Trompete

Telmo Barbosa  
Carlos Martinho

### Trombone

Tiago Nunes  
Gonçalo Dias (baixo)

### Tuba

Fábio Rodrigues

### Percussão

Luís Santiago (bateria)  
Jorge Lima (tímpanos)  
Paulo Mota

### Violino

Nuno Meira  
Suzanna Lidegran

### Violoncelo

Américo Martins

### Contrabaixo

Cláudia Carneiro

### Banjo/Guitarra

André Costa

### Piano/Celesta

Ana Raquel Cunha

### Acordeão

Vítor Monteiro